

# O GRAFISMO INDÍGENA, SUAS FORMAS E CORES

## RELATO DE UM TRABALHO PEDAGÓGICO-TERAPEUTICO



Susanne Rotermund  
Associação Ita Wegman, Curitiba, 2016

## INTRODUÇÃO

As formas indígenas apresentam uma riqueza muito grande de elementos gráficos: linhas retas e curvas em muitas variações, simetrias verticais e horizontais, espelhamentos assimétricos e centrais, espirais, meandros, cruzamentos e trançados. Nelas podem ser encontrados todos os aspectos principais propostos para o currículo do desenho de formas na Pedagogia Waldorf. A diversidade da origem e do porque de se pintar o corpo é surpreendente, assim como a grande variedade de tintas usadas.

## O GRAFISMO INDÍGENA DE ALGUMAS TRIBOS BRASILEIRAS



### **Xikrin**

Kayapó, grupo linguístico Jê, Pará

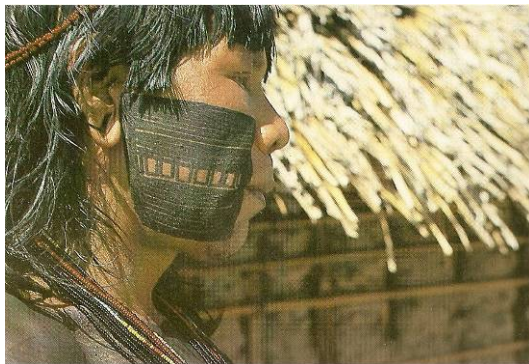
A pintura corporal dos índios Xikrin ou Kayapó é característica pelas suas muitas variações de formas retas. Ela é para eles como uma roupa e lhes confere o status de “ser humano”.

São as mulheres que pintam todos os integrantes da comunidade em suas casas, como atividade cotidiana. Pintando com tinta de jenipapo, diretamente com a mão ou com um pincel-lasca de palmeira, tem sempre a mão direita preta e a esquerda branca. Os desenhos representam uma linguagem visual, diferenciando sexo, idade e ocasiões ou eventos específicos.

A pintura com urucum é usada em rituais ou em estados de doença, resguardo ou luto. Nas caças e guerras os homens usam uma pintura feita de carvão e resina. Nos grandes ritos de passagem, como a nomeação, a iniciação, o casamento e a morte se usa uma máscara feita de pó de casca de ovo de azulão.



Homen e mulher Xikrin pintado com jenipapo



Pintura facial Xikrin



Máscara de casca de ovo de azulão

### **Juruna**

Originários do baixo rio Xingu, sul do Pará, hoje Parque indígena do alto Xingu. Tronco linguístico tupi-guarani.

Os índios Juruna usam a arte gráfica, decorando as suas cerâmicas, suas canoas e remos, na tecelagem e como pintura corporal. Sendo uma tribo ribeirinha, seus motivos lembram muitas vezes as ondas da água. Desenvolveram receitas especiais de diversas cores de tintas. No corpo e na madeira usam tinta de jenipapo, como segue o relato abaixo. Os fios de algodão fiadas pelas mulheres para a tecelagem de redes, tipoias, cobertores e saias são em parte tingidos com açafreão da terra para fazer lindos desenhos elaboradíssimos. Na cerâmica usam tintas vermelhas, pretas e brancas.

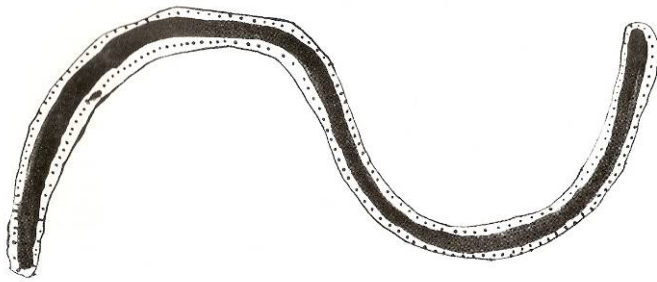
Berta Ribeiro relata:

*“O vermelho que decora a cerâmica destes índios é obtido da infusão das cascas avermelhadas de uma árvore não identificada ou da mistura de barro vermelho ao*

sumo de sementes de algodão trituradas. Os mesmos processos são usados para obter a tonalidade negra. O branco provem de argila dessa cor, ou seja, da tabatinga”.

E sobre a fabricação da tinta de jenipapo:

“...ralado o fruto verde, a massa é jogada fora e o sumo esverdeado colocado junto ao fogo para amornar. Com folhas de algodão fazem um amarrado em forma de bola que é sapecado na brasa. Descartam a superfície tostada. As folhas de dentro do amarrado são passadas na fuligem da panela e imersas no sumo de jenipapo até o líquido adquirir cor negra. Essa tinta é exposta ao sol durante cinco horas. Ao cabo disso está pronta para o uso.”



Motivo para pintura corporal e para decoração de cerâmica, simbolizando a cobra



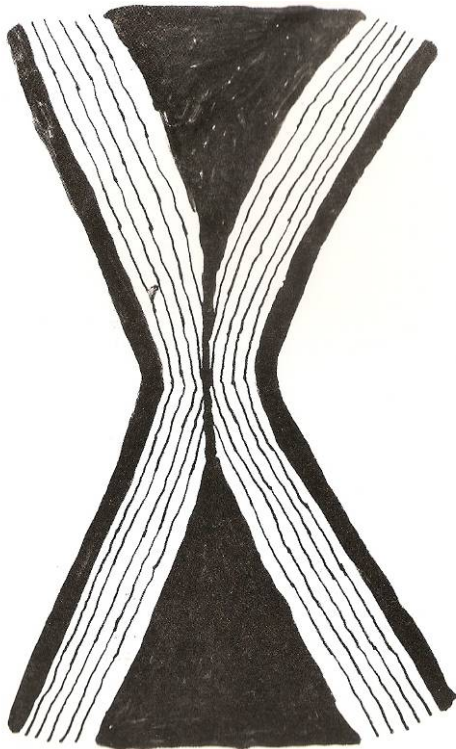
Motivo para pintura na coxa



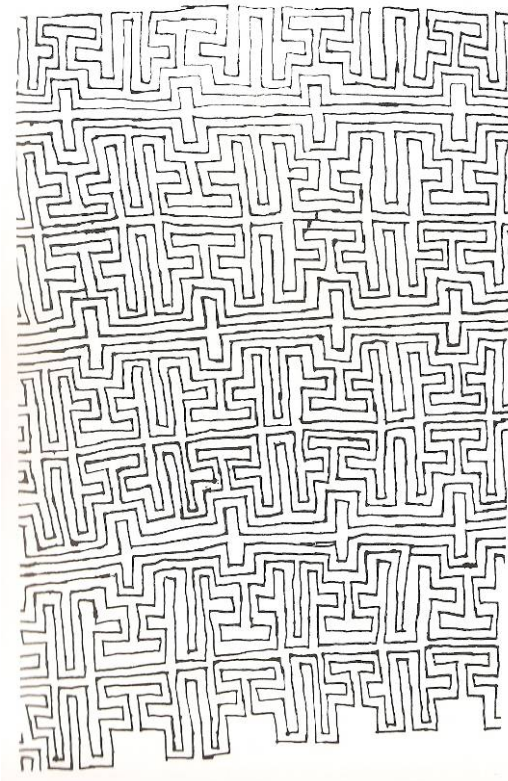
Motivo para costas, peito e ombros



Mulher Juruna desenhando sobre o remo



Motivo para a perna



Desenho de labirinto, usado na tecelagem e na pintura corporal



### **Asurini**

Xingu, Pará, tronco linguístico Tupi-Guarani

Os Asurini são conhecidos pelas suas formas geométricas inspiradas na natureza: casca do jabuti, onça, favo de mel, cipó. Aplicam estas no corpo, na cerâmica, em cabaças e outros suportes. A pintura corporal serve de identificação social e é intimamente ligada à cosmovisão mitológica deles:

Narra Regina Müller:

*“Kwatsiarapara, um herói mítico, deu aos homens a faculdade de desenhar e, com isso, a faculdade estética – tão importante quanto sonhar, cantar, cozinhar, plantar, fazer amor e fazer guerra.”*

E sobre os materiais artísticos: *“Os instrumentos e materiais de que se servem os Asurini são: o fogo para a gravura; o dente de cutia para a tatuagem; o jenipapo para a pintura do corpo; material mineral para a pintura da cerâmica. Talos vegetais e penas de ave são usados como pinceis para a aplicação da pintura em geral.”*

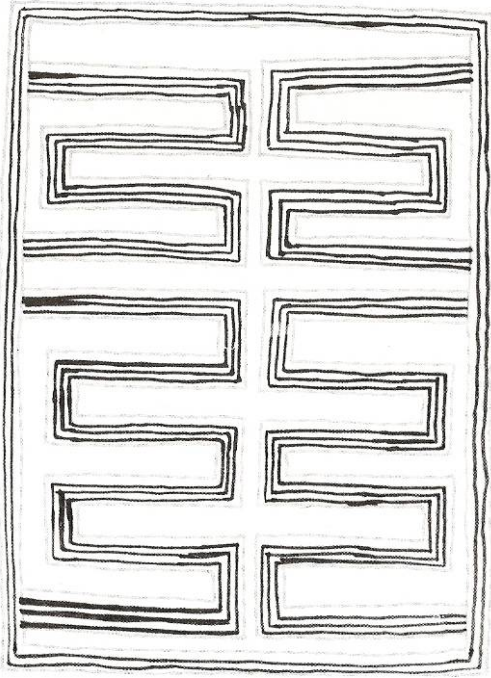
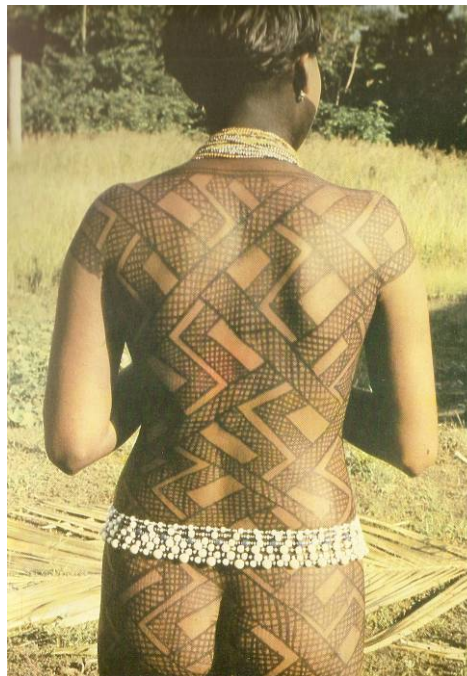
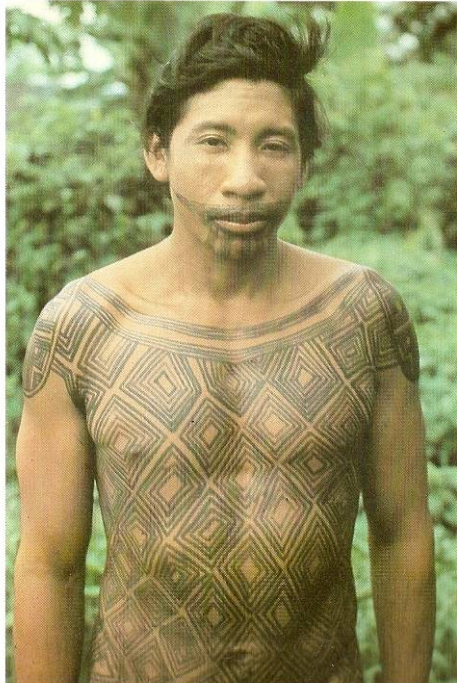


Figura sobrenatural antropomorfa

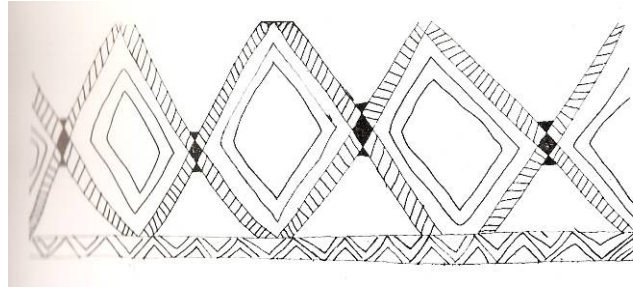
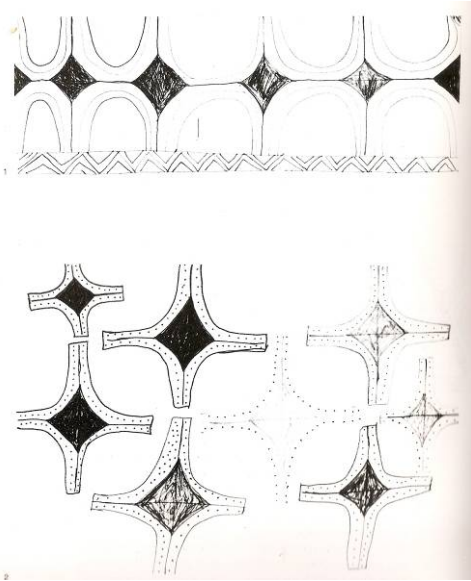


Pintura corporal Asurini

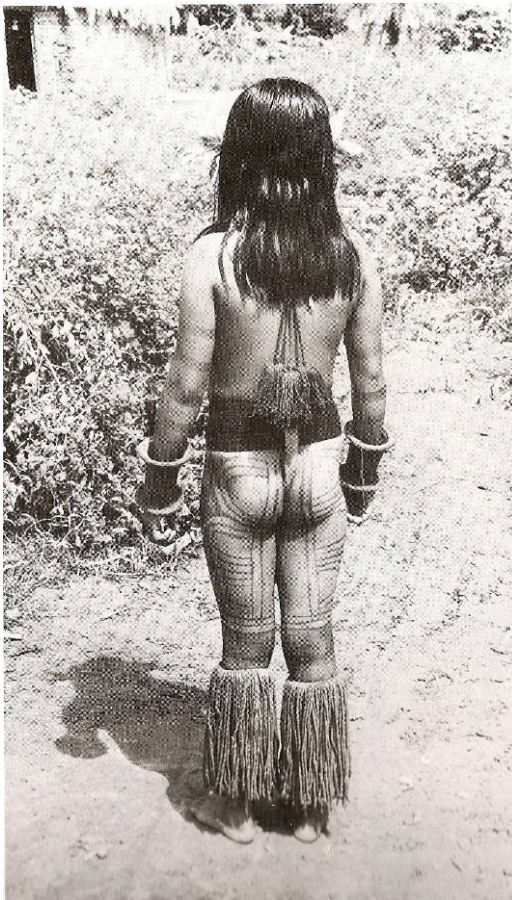


## Karajá

Os índios Karajá usam a pintura corporal em combinação com adornos feitos de plumas. Desenvolveram a tapiragem que é uma técnica para mudar artificialmente a coloração das penas de pássaros.



Motivos Karajá, simbolizando sucuri e peixe.



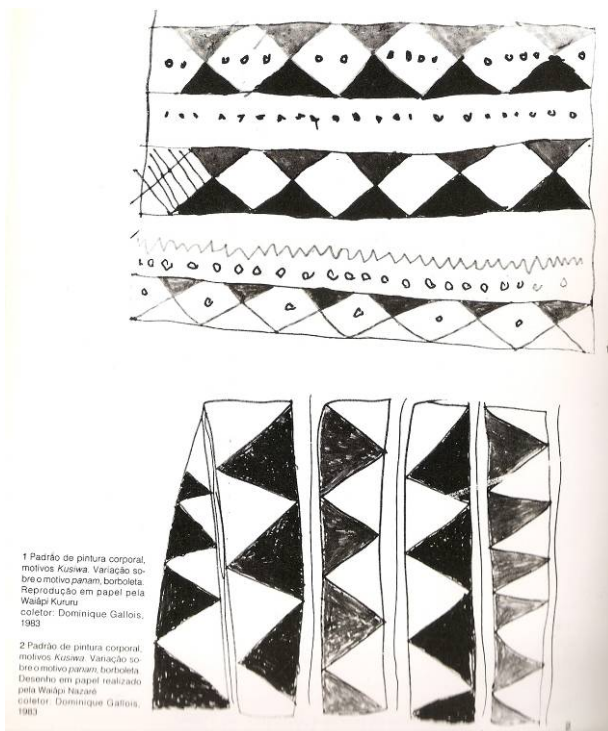
Pintura corporal Karajá, usada nas coxas em homens e mulheres

## Waiãpi

Amapá, na região dos afluentes da margem esquerda do rio Jari. Tronco linguístico Tupi-guarani.

Nesta tribo homens e mulheres pintam diariamente para se decorar, usando motivos geométrizados da fauna que variam infinitamente. Dizem que foi da pele da sucuri, protegida pela “mãe-d’água, que aprenderam em tempos mitológicos os seus desenhos que usam até hoje. Usam tinta de jenipapo, de urucum ou resina *sipy*. O urucum também tem efeitos mágicos, uma vez que o seu cheiro é desprezado pelos espíritos terrestres e aquáticos e protege contra os espectros dos mortos. Só não se pintam durante a menstruação, o parto, no resguardo, quando estão de luto e na iniciação do pajé. Para cassarem usam tatuagem de certas formas e o cheiro de algumas plantas para que os animais se confundam. Outros motivos de formas usadas na cestaria e na pintura corporal usam para se comunicar com os mortos:

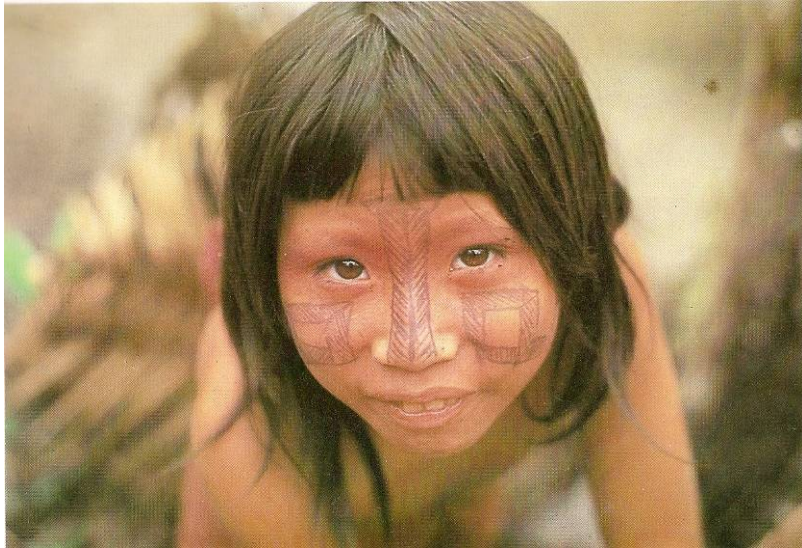
*“Segundo o mito, o motivo foi literalmente ‘apreendido’ por um indivíduo, que, uma noite, assistiu à festa de caxiri dos espectros terrestres, numa aldeia abandonada. Escondido, conseguiu arrancar um pedaço do bastão de dança dos mortos, todo adornado com o motivo hoje trançado no panakari (cestaria). Este cesto relaciona-se duplamente com o mundo dos mortos, pois além de sua decoração, seu formato também associa-se à comunicação com o sobrenatural. O panakari é o receptáculo no qual certos indivíduos a acederam ao mundo celeste. Foi nesse trançado que o urubu-de-duas-cabeças levou um rapaz para sua morada, no céu; e foi no mesmo panakari que o gavião acuaã levou uma viúva ao reencontro do marido falecido, na habitação celeste dos mortos.”* Dominique Gallois



Variações do motivo “Borboleta”



Motivo “espinha de peixe”



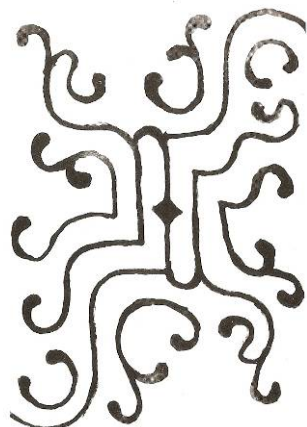
### **Kadiwéu**

Pantanal, origem quéchua. Família linguística Mbayá-Guaikuru

Os Kadiwéu eram tribos nômades, caçadores e coletores, extremamente guerreiras. Após a colonização se adaptaram rapidamente à montaria para o pastoreio e para guerrear. Tradicionalmente viviam em três estratos na sociedade: os nobres, os guerreiros e os cativos. Só os nobres praticavam as artes: as mulheres a pintura corporal e os homens entalhe em madeira e pequenos trabalhos em metal.

*“Seus motivos entranham infinitas combinações de desenhos curvilíneos, simetricamente contrapostos em oposição binária. Dificilmente se verá a repetição de padrões. O traçado do desenho é feito sem qualquer esboço prévio, com firmeza e destreza.”* Berta G. Ribeiro

Os mesmos desenhos as mulheres Kadiwéu aplicam também em couro, em peças de cerâmica, em cabaças e abanos.



## Wayana

É a pintura corporal e os enfeites que permitem aos Wayana se sentirem verdadeiramente humanas, é essa decoração como uma segunda pele que os diferencia de peles de animais ou de cascas de árvores, raízes e frutos.

*“A pele é um elemento prenhe de significados simbólicos. A troca de pele produz revivescência, tanto física como social. Outrora, os Wayana perderam a imortalidade, pois, como relata o mito de Arumakanin, não se dispuseram a executar todas as tarefas necessárias para a renovação da pele daquele que foi o primeiro a morrer. Atualmente o renascimento possível é o social, conseguido através dos ritos de passagem, onde simbolicamente a pele cai, permitindo ao jovem Wayana a ingressão na vida adulta. Existem, entretanto outras possibilidades simbólicas de reconstrução de pele. Uma destas é propiciada pelos talos de arumã (*Ischnosiphon sp*), a principal matéria prima para a confecção de trançados. Esse elemento vegetal, ao ser entretecido, logra reproduzir a pintura corporal do ente mitológico Tulupere, um ser transformacional, lagarta de borboleta/sucuriçu. Portanto, a nível simbólico, uma superfície trançada equivale à própria pele de Tulupere. A reconstituição de sua pele através do entrançamento de talos de arumã pode determinar a passagem de um estado natural para outro social – e este movimento é importante pois reforça a identidade étnica Wayana.”*

Lúcia Hussak van Velthen



Detalhe do trançado de cesto, confeccionado com talas de arumã



Família Wayana

Todo conteúdo e as fotos deste capítulo foram retirados do livro *“Arte e Corpo” – Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiras.*

## DESENHO DE FORMAS COMO ATIVIDADE CULTURAL-ARTÍSTICA E TERAPEUTICA

As formas quando vivenciadas e praticadas regularmente têm uma atuação harmonizadora sobre todas as tendências humanas em desequilíbrio: elas centralizam e acalmam a pessoa muito agitada, estimulam e encorajam a pessoa muito fechada ou desanimada. Cada tipo de forma e cada maneira de executá-la trabalha aspectos específicos como equilíbrio, movimento e fluidez, retidão, concentração etc.

Nas oficinas terapêuticas para crianças, jovens e adultos da Associação Ita Wegman em Campo Magro (Curitiba) exercitamos o desenho de formas todas as manhãs. Ao longo do semestre contei das diversas tribos do nosso Brasil e os seus motivos gráficos nos inspiraram para trabalhar de várias maneiras uma forma por semana. No primeiro dia de cada semana nós fazíamos a forma na lousa. Quando se tratava de uma forma mais complexa, desenhávamos só uma parte dela, por exemplo, a parte estrutural. No segundo dia andávamos a mesma forma no chão, previamente traçada com giz de lousa, com fita crepe ou com uma corda. Às vezes andávamos com passos pequenos ou com um andar fluído, com um peso na cabeça para estimular presença e retidão ou com olhos fechados, sozinhos ou em duplas. A própria forma e as dificuldades e capacidades de cada aluno nos inspiravam para criar exercícios variados. No dia seguinte trabalhávamos a forma com os pés, normalmente com giz de lousa em cima de pequenas lousinhas. Os desafios foram diversos e buscando sempre a maior independência possível, mas também a maior harmonia possível no resultado, avaliávamos o quanto era bom auxiliar a cada um. É bastante interessante usar tanto o pé direito quanto o esquerdo. No quarto dia desenhávamos a forma com as mãos com giz de cera em cima de papel jornal e no último dia com tinta sobre papel canson. Certas formas nos estimularam para falarmos sobre algum tema atual, como por exemplo, sobre o significado da festa de Pentecostes ou de São João.





Desenho de formas com os pés



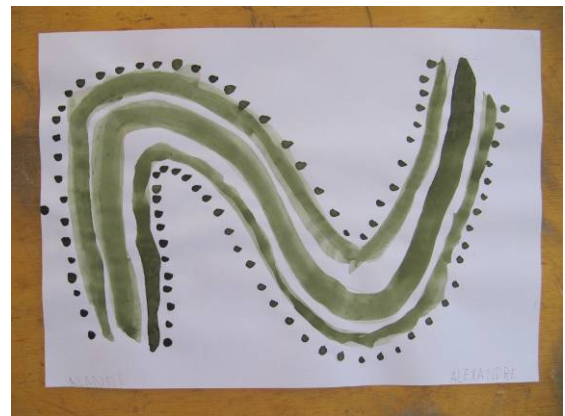
Pintura corporal com guache



e com jenipapo



Linhas retas ritmadas, inspiradas nas formas Xikrin, feito com tinta de açafrão da terra



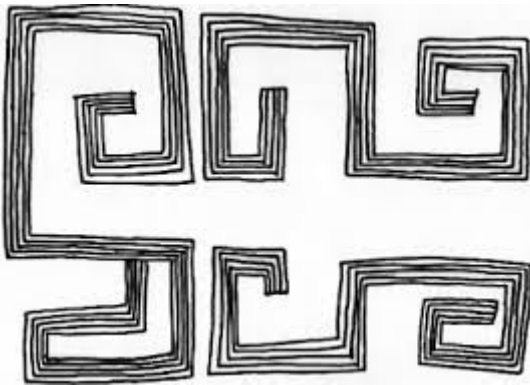
Motivo Juruna, feito com tinta de erva mate



Exercitando motivo Juruna. O pé direita trabalha da esquerda para a direita, o pé esquerdo da direita para a esquerda



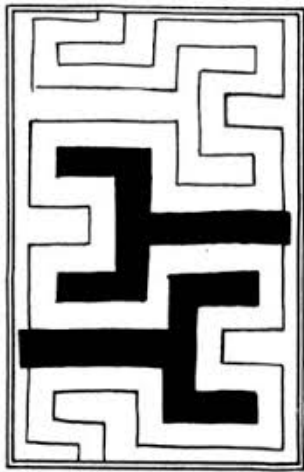
Motivo Juruna, feito com tinta de urucum



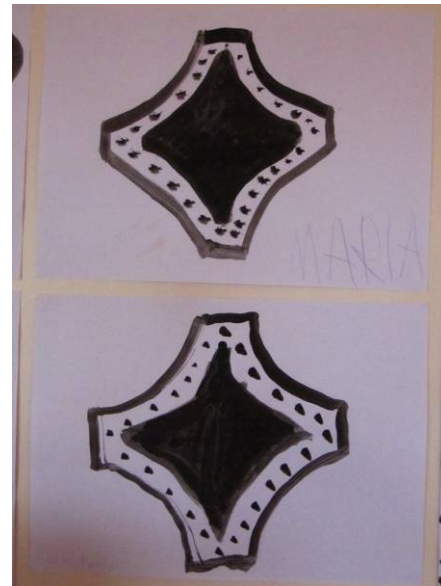
Motivo Asurini simbolizando o casco do jabuti.



Forma feito com tintas de terras coloridas



Motivo Asurini, simbolizando a imagem humana.



Motivos Karajá, guache sobre papel

Trabalhamos a forma de simetria lateral com as duas mãos ao mesmo tempo.

A segunda forma trabalhamos primeiramente com dois eixos em forma de cruz.



Motivos Waiãmpi, Kadiwéu e Wayana, giz de cera e guache sobre papel.  
Na junção de duas fileiras de meandros de caracóis quadrados surgem formas de cruces.



Na época de Pentecostes/Festa do Divino trabalhamos esta forma, simbolizando os seres humanos – nós, em todas as cores do arco-iris – unidos por uma única linha.

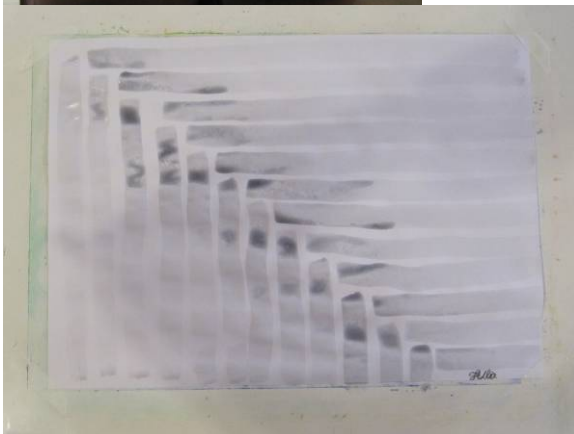
Na época de São João trabalhamos esta forma Wayana que simboliza a “troca de pele”. O velho é deixado para o novo poder surgir. Cada aluno também escreveu algo interno que queria deixar para trás e queimou na fogueira de São João.



## FABRICAÇÃO DE TINTAS

### Jenipapo

Ralar o fruto do Jenipapo verde com ou sem casca. O miolo contém a substância tintória. Espremer a polpa em um pano, ganhando um líquido levemente marrom esverdeado. Esta solução, em contato com a pele ganha após duas horas uma coloração azul índigo até preta que permanece de uma até duas semanas. Por isso convém usar luvas no preparo da tinta.



### **Açafrão da Terra (Cúrcuma)**

Ralar a raiz fresca do açafrão da terra, acrescentar uma colher de sopa de álcool e espremer em um pano, contendo uma tinta amarela bem luminosa. Também pode se usar o pó seco do açafrão da terra, deixando-o de molho por uma noite em um pouco de álcool com água.



## Urucum

Debulhar as cápsulas de urucum e deixar as sementes de molho em água morna por uma noite. Triturar as sementes com cuidado para soltar o pigmento que se encontra na superfície. Ferver tudo por aproximadamente 5 minutos. Pode se acrescentar um pouco de bicarbonato de sódio para realçar a cor. Peneirar a solução.



### Erva Mate

Fazer um chá bem concentrado com o pó da erva mate (para chimarrão) e coar a solução. Pode se acrescentar água de cinzas para realçar a cor. Para fazer a água de cinzas colocar uma colher de sopa de cinzas em um coador e colocar água quente como se fosse um café.



### Tintas com terras

Existem terras de muitas cores. Basta coletar as terras, seca-las e tritura-las. O pó peneirado se mistura com água e algum aglutinante que pode ser um pouco de cola branca ou um ovo ou cola de coqueiro. As terras devem ser barrosas ou argilosas, isto quer dizer não devem conter areia, pois esta não se dissolve na água.



## **BIBLIOGRAFIA**

*Arte e Corpo – Pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiras*, Funarte, 1985

Ricardo Artur Pereira de Carvalho *Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini*, <http://www.ricardoartur.com.br/GrafismoIndigena.pdf>